

Resumo: Esta pesquisa apresenta uma interseção entre o campo da Ciência da Informação e da Semiótica, por meio de uma correlação entre a representação da informação e a semiótica plástica, pois ambas as áreas apresentam preocupações em relação à linguagem e à representação. O objetivo desta pesquisa, de abordagem qualitativa, caráter exploratório e natureza aplicada, é analisar os fundamentos teóricos da semiótica plástica e debater sobre a possibilidade de estabelecer relações entre a representação da informação e a esses fundamentos semióticos com vistas a contribuir para as bases teóricas e epistemológicas da Organização da Informação. Por meio de procedimentos da pesquisa bibliográfica, nas bases de dados Google Scholar, Periódicos Capes, Dialnet e Brapci, além de consultas em livros especializados sobre o tema, os resultados são elaborados com uso do método de análise de conteúdo. Como resultados, apresenta-se uma análise de histórias em quadrinhos, como um exemplo prático e aplicado de como tal teoria pode contribuir à representação de objetos visuais e/ou sincréticos. Conclui-se que semiótica plástica tem muito a contribuir ao campo da Ciência da Informação, principalmente na representação temática para interpretação do documento, ao analisar os aspectos visuais identificando signos e significados presentes nas obras, possibilitando direcionar a leitura técnica, identificação e descrição do conteúdo, etapas importantes da indexação.

Palavras-chave: Documentos sincréticos; Organização da Informação; Representação da Informação; Semiótica Plástica.

Abstract: This research presents an intersection between the field of Information Science and Semiotics, through a correlation between information representation and plastic semiotics, since both areas present concerns in relation to language and representation. The objective of this research, of qualitative approach, exploratory character and applied nature, is to analyze the theoretical foundations of plastic semiotics and discuss the possibility of establishing relations between information representation and these semiotic foundations in order to contribute to the theoretical and epistemological bases of Information Organization. Through bibliographic research procedures, in the Google Scholar, Periódicos Capes, Dialnet and BRAPCI databases, as well as consultations in specialized books on the theme, the results are elaborated using the content analysis method. As results, an analysis of comics is presented, as a practical and applied example of how such theory can contribute to the representation of visual and/or syncretic objects. It is concluded that plastic semiotics has much to contribute to the field of Information Science, especially in the thematic representation for document interpretation, by analyzing the visual aspects identifying signs and meanings present in the works, making it possible to direct the technical reading, identification and description of the content, important steps in indexing.

Keywords: Syncretic Documents; Information Organization; Information Representation; Plastic Semiotics.

1. Introdução

Na Ciência da Informação, as abordagens teórico-metodológicas e a práxis profissional referente aos processos de tratamento da informação com finalidade de recuperação e acesso aos conhecimentos registrados pertencem ao escopo da Organização da Informação.

A partir da distinção conceitual de Brascher e Café (2008), compreende-se por Organização da Informação, o processo de descrição física e de conteúdo dos documentos, ao passo que a Representação da Informação é o produto desses processos descritivos, isto é, um conjunto de elementos que caracterizam os atributos dos documentos representados.

Para que seja realizada a descrição dos documentos, cada conjunto de operações (de forma e de conteúdo) possui suas técnicas, métodos e instrumentos próprios para organizar e representar as informações documentais. As operações de forma centram-se em descrever as estruturas físicas e/ou digitais nas quais a informação é armazenada, como meio de identificar a autoria, o título, a data de publicação, os dados do local de publicação, a disposição física e/ou digital no acervo, isto é, a análise e descrição de aspectos que se relacionam à localização física ou virtual e ao formato do documento, bem como as circunstâncias, tecnologias ou habilidades necessárias para o seu acesso.

Sob o prisma da esfera da temática documental, tem-se as operações de conteúdo responsáveis pela descrição dos aspectos intelectuais do documento, ou seja, atividades que envolvem processos intelectuais e cognitivos para a compreensão de como a informação é apresentada, organizada e veiculada no interior do documento para que, assim, possam ser extraídos conceitos que representem os principais aspectos dos documentos e que estejam alinhados aos processos de busca dos usuários reais ou potenciais.

Por ser tratar de processos complexos, a Organização da Informação estabelece interdisciplinaridade com outras áreas do conhecimento, como a Linguística, Terminologia, Semiótica entre outras, para solucionar problemas teóricos e práticos que permeiam a representação e recuperação do documento como modo de viabilizar e potencializar o acesso físico e intelectual da informação.

A partir das preocupações com o tratamento da informação discutidas pelos pesquisadores do campo, evidencia-se a linguagem como elemento importante para se extrair as informações dos documentos a fim de estabelecer adequadamente as estruturas representacionais, já que o processo de representação de conteúdo é essencialmente condicionado pela linguagem (GARCÍA GUTIÉRREZ, 1988; PINTO MOLINA, 1991). Essa valoração da linguagem nos processos informacionais se dá devido à necessidade de codificação e decodificação dos componentes informacionais que permeiam os documentos, por meio da tradução desses elementos extraídos em linguagem natural para a linguagem do sistema. Além disso, a linguagem é fundamental para a transmissão e apropriação da informação no espaço e no tempo, como bem ressalta Almeida (2020).

Assim, destaca-se nessa pesquisa a Semiótica, ciência de toda e qualquer linguagem que estuda os processos de significação humanos e naturais, os sistemas de signos verbais e não-verbais, em seus fenômenos de produção, significação e sentido (SANTAELLA, 2007b), por trazer contribuições epistemológicas, teórico-conceitual-metodológicas e aplicadas para o escopo da Organização e Representação da Informação, principalmente por auxiliar no estudo dos processos interpretativos que permeiam todo o tratamento dos documentos (ALMEIDA, 2009; LARA, 1993; REIS *et al.* 2018; PAVARINA, 2021).

A Semiótica, por possuir diversos desdobramentos e correntes teórico-metodológicas, apresenta inúmeras possibilidades para explorar o processo de significação dos documentos que impactam no tratamento informacional. A partir de Barbalho (2006), Almeida e Farias (2016), depreende-se que as principais perspectivas semióticas

exploradas no campo da Ciência da Informação referem-se a abordagem peirceana, em semiótica geral e a abordagem greimasiana, com ênfase no percurso gerativo de sentido.

A primazia dessas abordagens é reafirmada nos dados obtidos no mapeamento sistemático de literatura realizada por Pavarina (2021), no qual observa-se um destaque inicialmente na linguística-semiológica saussureana para a construção de registros bibliográfico e linguagens documentárias; posteriormente na semiótica peirceana referente aos aspectos ligados aos processos gerais de análise documentária (nos moldes da significação e interpretação da informação), nas atividades de indexação e seus tipos de inferenciais e nas reflexões epistemológicas sobre os fundamentos do campo, e na semiótica greimasiana para leitura e análise das unidades estruturais elementares dos textos¹, a partir de níveis que estabelecem o percurso gerativo de sentido para evidenciar os simulacros que permeiam os documentos.

Considerando a diversidade da Semiótica em suas escolas, linhas epistemológicas e métodos de análise, observa-se que as pesquisas desenvolvidas até o momento no âmbito da Ciência da Informação contemplam apenas uma parcela dos diálogos interdisciplinares que podem ser estabelecidos entre ambas áreas do saber, ao centrar-se nas escolas clássicas de Semiótica, deixando de lado caros desdobramentos semióticos contemporâneos que podem agregar aos debates do campo e lançar discussões sobre outras formas de compreender e se apropriar da informação, além de novos moldes de representação de documentos, principalmente mediante os desenvolvimentos das novas tecnologias de hipermídia.

Posto isso, essa pesquisa debruça-se sobre a semiótica plástica, uma teoria semiótica pouco explorada pelo campo da Ciência da Informação, cuja tentativa é compreender melhor as relações que podem ser estabelecidas entre a Ciência da Informação e as teorias semióticas contemporâneas. Para tanto, surgiu o seguinte questionamento: quais relações teórico-metodológicas podem ser estabelecidas entre a representação da informação e a semiótica plástica com vistas ao tratamento de documentos sincréticos?

Face ao exposto, o objetivo dessa pesquisa é analisar os fundamentos teóricos da semiótica plástica e debater sobre a possibilidade de estabelecer relações entre a representação da informação e a esses fundamentos semióticos com vistas a contribuir para as bases teóricas e epistemológicas da Organização da Informação.

A semiótica plástica, por ser uma abordagem que propõem a compreensão das condições de produção e da intencionalidade de um certo tipo de relação entre expressão e conteúdo ao estabelecer relações entre um significante visual e um significado, através da lexicalização da dimensão figurativa dentro das dimensões e modelações das formas, das cores e das posições dos elementos plásticos, promove condições de análise do plano da

¹ Nesta pesquisa adota-se a noção ampla de texto, para além das manifestações discursivas, baseada na semiótica francesa que considera o texto como uma junção do plano da expressão e do plano do conteúdo em um todo de sentido definido por fatores linguísticos e extralinguísticos que viabilizam os processos de comunicação. Greimas e Courtés (2016:460) ressaltam que o termo texto “[...] pode ser empregado indiferentemente para designar o eixo sintagmático das semióticas não-linguísticas [...]”, assim um ritual, uma música, um espetáculo de balé podem ser considerados textos por possuírem os elementos destacados anteriormente: conteúdo, expressão e atos de comunicação.

expressão interligado ao plano do conteúdo em uma relação semissimbólica, que resulta na geração de sentido de um objeto e/ou documento (FLOCH, 1985).

Desse modo, parte-se da hipótese de que a semiótica plástica e o semissimbolismo (conceito que será explorado no decorrer da pesquisa), por se tratarem de desdobramentos da semiótica greimasiana, voltados, respectivamente, para a análise de textos visuais e a conformidade entre categorias do plano do conteúdo e do plano da expressão, podem ser valiosos à elaboração de estratégias para representação de documentos visuais e/ou sincréticos, principalmente em ambientes hipermidiáticos nos quais ocorre uma valorização da linguagem visual em junção a linguagens verbais e sonoras, em um movimento que torna indissociável a expressão do conteúdo em seus conceitos complexos (como exemplos, as interfaces dos *websites* e elementos que as integram).

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa aplicada, de abordagem qualitativa e natureza exploratória. Recorre-se aos procedimentos da pesquisa bibliográfica para fundamentação teórica do assunto abordado e da análise de conteúdo, de Bardin (1977), na modalidade categorial, para a tessitura dos resultados. Uma vez que o objetivo geral consiste em apresentar intersecções entre a semiótica plástica e a representação da informação, considera-se o arcabouço teórico-metodológico da semiótica plástica e do semissimbolismo, a partir das obras de Floch (1985), Oliveira (2004) e Pietroforte (2016; 2021a; 2021b). No que diz respeito aos aspectos relacionados à Ciência da Informação, foram recuperadas pesquisas nas seguintes bases de dados: *Google Scholar*, Periódicos Capes, Dialnet e Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI). Os termos de busca empregados foram: Organização da Informação, Representação da Informação, representação temática de imagem, análise documental de imagem, indexação de imagem, tratamento temático de imagem, análise de assunto de imagem. Todos esses termos foram associados ao termo Semiótica. As pesquisas pertinentes à temática foram lidas na íntegra.

2. Representação de recursos visuais

Os seres humanos, com base em suas necessidades de comunicação entre si e com o mundo, desenvolveram como uma de suas características essenciais o ato de representar e manipular objetos e aprimorar conceitos mentais, de modo que fosse possível externalizar essas representações em processos de comunicação, quer seja oral, quer seja escrita, assim “[...] as representações funcionam como espelhos fiéis ou infiéis da realidade” (SANTAELLA, 2007a:211).

A palavra ‘representação’ suscita múltiplos entendimentos. Kobashi (1996) explica que em uma concepção ordinária a representação é utilizada como uma reprodução do pensamento ou como uma substituição, que descreve, reproduz ou interpreta algo. A autora discorre que nas tradições filosóficas, a representação diz respeito aos modos de apreensão de um objeto. Já em abordagens específicas, como na aristotélica, o ato de representar é assimilado à fantasia intelectual ou sensível, ao passo que, na abordagem estoica, esse mesmo ato representacional associa-se à impressão direta ou indireta de algo; sendo para Descartes, imaginação; para Spinoza, apreensão sensível; para Kant, apreensão intuitiva ou conceptual; para Leibniz, percepção e; para Locke e Hume, ideia (KOBASHI, 1996).

Ainda partindo das concepções de Kobashi (1996), evidencia-se que em campos específicos do conhecimento, o ato de representar assume direções específicas, sendo assim, na Linguística e na Semiótica, por um ramo, associa-se a imagem verbal-mental do falante ao enunciar um conceito, dando destaque a linguagem que ocupa o lugar da coisa representada; por outro, o signo atua como representação e mediação do objeto na realidade.

No campo da Comunicação, a representação é assumida como mediação entre um emissor e um receptor, assumindo uma forma de processo e produto social de construção de sentidos (KOBASHI, 1996). Nesse sentido, O'Sullivan *et al.* (1994) explicam que a representação se constitui de um processo social de dar sentido aos sistemas de significantes disponíveis colocando-os em formas concretas que podem variar de tempos em tempos o que acarreta mudanças nas próprias estruturas representacionais nas quais ocorrem uma “reelaboração” de significantes para o “mesmo” significado.

Já na Documentação, conforme discutem López Yepes (1978), Pinto Molina (1991), Garrido Arrila (2006) entre outros, a representação está associada à descrição de aspectos que identificam fisicamente os documentos (catalogação ou tratamento descritivo) e aos processos/produtos elaborados a partir da condensação de conteúdo dos documentos (a indexação e a elaboração de resumos que geram os índices e os resumos).

Na Ciência da Informação, a Organização e Representação da Informação destaca-se como o principal foco do campo (TONELLO, LUNARDELLI e ALMEIDA JÚNIOR, 2012), mediante sua tarefa fundamental de garantir a recuperação da informação ao estabelecer padrões, diretrizes e instrumentos que organizam, sistematizam, agrupam e individualizam os documentos, tornando-os pesquisáveis, recuperáveis e acessíveis para os usuários.

O processo de representação da informação consiste em um conjunto de operações descritivas (para tratar dos aspectos da forma física dos documentos e elementos que permitam a sua identificação e distinção entre outros documentos na coleção) e temáticas ou de assunto (para tratar do conteúdo informacional dos documentos e agrupá-los na coleção perante suas semelhanças), essenciais para a criação de registros bibliográficos que possibilitam a localização, recuperação, acesso, uso e disseminação da informação.

Esses processos de descrição, complementares e concomitantes, são desenvolvidos para dar conta de representar todas as características dos documentos que, por natureza, apresentam-se como “[...] suporte material (continente) que serve de amparo ao conhecimento (conteúdo intelectual)” (ORTEGA, 2010:13). Em uma concepção similar, porém mais estrita, García Gutiérrez (1984) define o documento científico com base na dicotomia do signo linguístico saussureano para compreender que as estruturas e os elementos, que o documento tem em sua composição, são formados por: [1] um continente, subdividido em forma (suporte físico, material, formato, etc.) e fundo (elementos de identificação como, autor, editora, local, ano, etc.); e [2] um conteúdo, subdividido, também, em forma (estrutura, exposição, apresentação dos dados, etc.) e fundo (contribuições da pesquisa, experiências e conclusões). O modelo de documento de García Gutiérrez pode ser visualizado no Quadro 1.

Quadro 1 – Estrutura do documento científico

Documento científico	Contínente	Forma
		Fundo
	Conteúdo	Forma
		Fundo

Fonte: Traduzido de García Gutiérrez (1984:65).

As imagens, como qualquer outro documento, possuem características de forma e conteúdo que devem ser representadas adequadamente para sua recuperação. Ao se debruçar mais especificamente sobre a questão da representação de documentos visuais, tem-se um olhar acurado no desenvolvimento de diretrizes e de modelos de análise (sintetizados nos Quadros 2 e 3), devido à característica polissêmica das imagens e à especificidade de cada tipo de documento visual, considerando a sintaxe e a semântica visual, o contexto de produção e os códigos composicionais (PAVARINA, 2021).

A literatura especializada da área possui discussões que primam a interpretação de imagens por meio de níveis de descrição (pré-íconográfico, íconográfico e iconológico) desenvolvidos por Panofsky (1955) e sintetizados no Quadro 2, notadamente nos trabalhos de Shatford (1986), Smit (1996), Boccato e Fujita (2006), Maimone e Tálamo (2008), entre outros, utilizados no processo de tratamento temático para extrair termos representativos dos documentos visuais.

Quadro 2 – Diretrizes de interpretação das esferas do significado de imagens desenvolvido por Panofsky

Objeto da interpretação	Ato da interpretação	Elementos para interpretação	Princípios corretivos de interpretação
I. Tema primário ou natural – (A) fatural, (B) expressional – constituindo o mundo dos motivos artísticos.	Descrição pré-íconográfica (e análise pseudoformal)	Experiência prática (familiaridade com objetos e eventos)	História do estilo (compreensão da maneira pela qual, sob diferentes condições históricas, objetos e eventos foram expressos pelas formas)
II. Tema secundário ou convencional, constituindo o mundo das imagens, estórias e alegorias.	Análise íconográfica	Conhecimento de fontes literárias (familiaridade com temas e conceitos específicos)	História dos tipos (compreensão da maneira pela qual, sob diferentes condições históricas, temas ou conceitos foram expressos por objetos e eventos)
III. Significado intrínseco ou conteúdo, constituindo o mundo dos valores “simbólicos”	Interpretação iconológica	Intuição sintética (familiaridade com as tendências essenciais da mente humana), condicionada pela psicologia pessoal e <i>Weltanschauung</i>	História dos sintomas culturais ou “símbolos” (compreensão da maneira pela qual, sob diferentes condições históricas, tendências essenciais da mente humana foram expressas por temas e conceitos específicos)

Fonte: Adaptado de Panofsky (1976).

A análise de um documento visual também pode ser realizada a partir das facetas que descrevem: QUEM (objeto focado), ONDE (localização no espaço), QUANDO (localização no tempo), COMO/O QUÊ (atividades, acontecimentos e modos), desenvolvidas por Bléry (1981). Tal proposta foi tomada como base por Shatford (1986) e Smit (1996), em um modelo mais abrangente que incorpora diversos tipos de imagens (fotografia, pintura, desenho, etc.), ao evidenciar que a imagem pode ser DE e SOBRE alguma coisa, de modo genérico e específico, simultaneamente, conforme apresentado no Quadro 3.

Quadro 3 – Categorias de análise propostas por Smit

Categoria	Definição geral	DE Genérico	DE Específico	SOBRE
QUEM	Animado e inanimado, objetos e seres concretos	Esta imagem é de quem? De que objetos? De que seres?	De quem, especificamente, se trata?	Os seres ou objetos funcionam como símbolos de outros seres ou objetos? Representam a manifestação de uma abstração?
	Exemplo	Ponte	Ponte das Bandeiras	Urbanização
ONDE	Onde está a imagem no espaço?	Tipos de lugares geográficos, arquitetônicos ou cosmográficos	Nome de lugares geográficos, arquitetônicos ou cosmográficos	O lugar simboliza um lugar diferente ou mítico? O lugar representa a manifestação de um pensamento abstrato?
	Exemplo	Selva	Amazonas	Paraíso – supõe um contexto que permita esta interpretação
QUANDO	Tempo linear ou cíclico, datas e períodos específicos, tempos recorrentes	Tempo cíclico	Tempo linear	Raramente utilizado, representa o tempo, a manifestação de uma ideia abstrata ou símbolo
	Exemplo	Verão	1996	Esperança, fertilidade
O QUÊ	O que os objetos e seres estão fazendo? Ações, eventos, emoções	Ações, eventos	Eventos individualmente nomeados	Que ideias abstratas (ou emoções) estas ações podem simbolizar?
	Exemplo	Jogador de futebol	Copa do Mundo	Esporte

Fonte: Adaptado de Smit (1996:33)

Entretanto, as pesquisas abordadas acima voltam-se apenas para a descrição do conteúdo visual dos documentos ao estabelecer diretrizes para a análise de assunto. Ao tecer suas preocupações com o tratamento fotográfico, Manini (2002) destaca a forma documental como elemento importante para caracterizar a técnica utilizada na concepção da imagem, desenvolvida a partir do conceito de dimensão expressiva. A autora (MANINI, 2002:47)

caracteriza a dimensão expressiva como “[...] a parte da imagem fotográfica dada pela técnica: é a ‘aparência física’ através da qual a fotografia expressa seu conteúdo informacional, é a extensão significativa da fotografia manifesta pela forma como a imagem se apresenta (revelada pela técnica)”.

A dimensão expressiva é utilizada por Manini (2002) junto com outros elementos de análise documentária de assunto, já que para a autora a técnica utilizada na imagem é um atributo importante no refinamento da busca nos sistemas documentários, principalmente quando os usuários estão à procura de imagens que possuem formas e técnicas de produção específicas para transmitir o conteúdo da mensagem visual.

Contudo, para Smit (1996), a dimensão expressiva se configura como uma informação complementar que pode ser adicionada na representação descritiva (de forma) da imagem. Isso porque a dimensão expressiva, cunhada inicialmente por Lacerda (1993), atenta-se aos elementos que constroem a mensagem da imagem, isto é, os aspectos da imagem, do objeto e da expressão, correspondentes ao conteúdo, à forma (suporte documental) e à expressão, respectivamente; o que a coloca como um atributo tanto das operações descritivas quanto das temáticas no âmbito da representação da informação.

No bojo das discussões de Manini (2002), Boccato e Fujita (2006), Maimone e Tálamo (2008), Pato e Manini (2013) e Pavarina (2021) são evidenciados fatores linguísticos e semióticos que permeiam a construção e processo de significação das imagens como elementos importantes para identificação de signos não-verbais e significados referentes às obras, com base nas teorias de Peirce, Saussure e Greimas.

Pavarina (2021:184) explica que no processo de representação de imagens, a análise semiótica compreende “[...] o processo de ver, o modo de interpretar e traduzir (isto é, converter os signos visuais para signos verbais em uma linguagem natural e posteriormente em linguagem documentária)”. Nessa perspectiva, a Semiótica é útil à compreensão dos processos de transcodificação da linguagem composicional do documento original, já que a imagem remete a um discurso visual que tem seus significados representados nos sistemas documentários por meio da linguagem verbal, em que ocorre uma dupla tradução metalinguística, ou uma tradução de níveis sincréticos, por meio da evidenciação dos elementos mais importantes do documento visual extraídos e traduzidos por meio da linguagem verbal (linguagem natural) para posteriormente serem adequados à linguagem do sistema (linguagem artificial) mediante uma lista de termos de índice ou descritores que padronizam os conceitos (linguagens documentárias).

Pato e Manini (2013) destacam que a leitura da imagem se dá mediante uma construção dialógica entre o referente icônico e os referentes internos, vinculados à experiência colateral do profissional indexador, na qual “[...] analisar e indexar imagens implica em confrontar o mundo que construímos em nós com os mundos possíveis que as imagens nos apresentam” (PATO e MANINI, 2013:19). Sob o viés da semiótica peirceana, um dos modos de ler as imagens se dá por meio da identificação dos signos, já que estes podem ser observados, detectados, deduzidos e afirmados mediante a distinção e descrição dos ícones (que mostram elementos), índices (que indicam elementos) e símbolos (que afirmam elementos) presentes nas obras (PATO, 2014).

Por outro lado, a abordagem da semiótica greimasiana promove um simulacro metodológico que viabiliza identificar como se dá a construção de sentido no interior dos

documentos visuais, decorrentes da constituição da isotopia. Apesar desta abordagem ser utilizada majoritariamente no campo da Ciência da Informação para a representação de documentos verbais (PAVARINA, 2021), por ser em gênese uma semiótica que analisa e descreve qualquer tipo de texto, independente da linguagem, possui constructos teórico-metodológicos pertinentes à análise e à descrição de imagens.

Pavarina (2022) descreve que a análise de documentos visuais, com base na abordagem de Greimas, dá-se mediante à aplicação do percurso gerativo de sentido (análise do plano do conteúdo documental) para identificar e extrair conceitos presentes nos elementos dos níveis fundamentais, narrativos e discursivos da obra. Esse método promove que a indexação não seja feita de forma intuitiva, mas sim guiada por um passo a passo que reduz a ambiguidade dos significados presentes nas imagens e traz como resultado a seleção dos termos descritores, com um alto nível de qualidade e precisão. A autora evidencia também que a análise do plano da expressão é fundamental para a representação de documentos visuais e sincréticos.

Os documentos sincréticos são aqueles que integram em sua composição várias linguagens de manifestação (visual, verbal, sonora, gestual) organizadas em um todo de significação. Klinkenberg (2000) explica que os documentos sincréticos, em suas funções semânticas possuem um discurso plurocódigo que eleva o nível de redundância global do enunciado.

Diante disso, Teixeira (2004:235) evidencia que “na análise de um objeto sincrético, portanto, será fundamental considerar a estratégia enunciativa que sincretiza as diferentes linguagens numa totalidade significante”. Isso quer dizer que as estratégias de análise não devem ser desenvolvidas separadamente, isto é, uma análise para uma manifestação da linguagem (exemplo, a visual) e outra análise para a outra manifestação que compõe o documento (exemplo, a verbal), assim as estratégias devem alinhar-se à unidade da enunciação do texto como um todo sincretizando as linguagens constituintes em uma unidade formal de sentido, visto que “Rejeita-se, preliminarmente, a ideia de que, num texto sincrético, haveria uma enunciação para cada sistema envolvido; o que se considera é a estratégia global de comunicação sincrética que gera o discurso manifestado” (TEIXEIRA, 2004:236).

Assim, a fim de extrair termos representativos, a análise de documentos sincréticos deve iniciar com a identificação das linguagens e códigos utilizados na construção do texto, dando enfoque nas suas formas de interação que descrevem a mensagem enunciada, para, posteriormente, apresentar as relações entre os planos (de conteúdo e da expressão) que o documento integra gerando seus efeitos de sentido. Desse modo, o documento tem em sua análise a significação não apenas dos aspectos visuais, mas também dos elementos textuais que o compõem e auxiliam, reiteram e reafirmam seus significados e discursos verbo-visuais.

Nesse seguimento, a próxima seção se destina a destrinchar as perspectivas semióticas voltadas ao plano da expressão, situadas no âmbito da semiótica plástica e do semissimbolismo, como desdobramentos da semiótica greimasiana voltados à descrição dos sistemas de significação visual, tendo em vista que os objetos plásticos são significantes importantes para a compreensão do texto imagético e/ou sincrético.

3. *Semiótica plástica e Semissimbolismo*

A compreensão do sentido é uma tarefa árdua, pois sua manifestação não é um procedimento reduzido ao reconhecimento lexicográfico, em que se verifica o valor linguístico expresso nos dicionários e, assim, o apontamento de sua representação está pronta, acabada, realizada. Tratar do sentido é ter em mente as possibilidades de entendimento inerentes ao estudo de linguagens, sejam elas, verbais, não-verbais, sincréticas, icônicas, naturais, artificiais, sejam especializadas para tratamento de um fim específico, como a representação do conhecimento e a representação da informação.

Nesse propósito, é importante destacar que as linguagens se manifestam através de signos – unidade do plano da manifestação, constituída pela função semiótica que se estabelece no plano da expressão e no plano do conteúdo, no momento do ato de linguagem (GREIMAS e COURTÉS, 2016); também pode ser compreendido como algo que está no lugar de alguma coisa e significa algo para alguém (PEIRCE, 2017).

Sendo assim, o sentido é estático em nível lexical, ou seja, sob uma análise do manifestado é possível extrair o sentido no nível de imanência das palavras que compõem o documento; no entanto, em nível fraseológico e discursivo, há uma cooperação entre suas partes, há a parcimônia entre os signos do plano da expressão e os signos do plano do conteúdo, fazendo com que ocorra o processo de significação, o qual gera a semiose – operação, que ao instaurar uma relação entre a forma da expressão e a forma do conteúdo produz signos, assim atos de linguagem (GREIMAS e COURTÉS, 2016), ou seja, signos sobre signos, decorrente de sua ação a qual produz seu crescimento e sua capacidade de representação e mediação de uma realidade (PEIRCE, 2017).

Além da influência direta e dinâmica dos signos e seus desdobramentos na significação e na semiose, para explorar o sentido, é necessário também explorar fatores atrelados à semântica e à pragmática, pois no plano do conteúdo, em nível lexicográfico, há problemas de ambiguidade, polissemia e homonímia; no nível fraseológico, as relações sintagmáticas, as construções sintáticas interferem na mudança de funções paradigmáticas e nos aspectos referenciais; no nível discursivo, há os fatores de intencionalidade, de intertextualidade, de interdiscursividade, entre outros.

Diante da complexidade do estudo sobre o sentido, esta seção apresenta o objetivo de analisar e debater a significação resultante da semiótica plástica, isto é, como se organiza e se manifesta a análise do plano da expressão para que dessa manifestação sobre os sentidos possa haver o semissimbolismo, isto é, uma incursão, uma implicatura da significação do plano da expressão sobre o plano do conteúdo.

É importante evidenciar que o estudo e a análise do plano da expressão, denominado de semiótica plástica, ou ainda chamada por alguns de semiótica visual é um desdobramento do círculo iniciado e conduzido por Algirdas Julien Greimas, o semioticista lituano-francês, que explorou o desdobramento saussureano sobre o signo (significado e significante) e o legado hjelmsleviano sobre o plano da expressão e do conteúdo para desenvolver uma semiótica do discurso, sob a qual se caracterizava o percurso gerativo do sentido.

Desse modo, um de seus discípulos, Jean-Marie Floch, debruçou-se no propósito de desenvolver e edificar uma disciplina-objeto, no caso a semiótica plástica, em que pudesse

relacionar o visível e o inteligível. Tal fato foi inaugurado em sua obra *Mytologies de l'œil et de l'espirit: pour une sémiotique plastique*, publicado em 1985.

Consoante aponta Floch (1985:11, tradução nossa), trata-se de “[...] um encontro entre vários objetos dos sentidos visuais e uma teoria, a teoria semiótica, que os aborda e os informa de acordo com suas hipóteses e seus procedimentos”. Neste ponto, evidencia-se que tratar de uma estratificação de análise do plano da expressão é propor procedimentos a fim de evidenciar uma significação ulterior ao resultado heurístico, assim podendo explorar o sentido decorrente do plástico, ou seja, daquilo que é resultante dos sentidos.

Assim, tem-se o fator de que, para a semiótica plástica, o signo não é visto apenas como signo icônico, mas sim como ocorrência textual, como resultado de um processo complexo de produção de sentido e suas etapas seguem processos de geração de sentido como em qualquer outro tipo de texto, sendo linguístico ou não (FLOCH, 1985). Dessa forma, entende-se que mais do que tratar imagens, linguagens e signos isoladamente, é necessário estabelecer a análise do discurso social e cultural que os articulam como texto, conseqüentemente “[...] a própria iconicidade acabará por ser definida como a produção de um efeito de sentido de realidade, característico não de tal linguagem ou de tal signo, mas de um certo tipo de discurso que explora conotações sociais [...]”; além disso, os elementos plásticos fazem parte de um conjunto de estratégias que remontam a uma conduta cultural, isto é, “[...] o que uma determinada sociedade pensa de suas diferentes linguagens em termos de suas respectivas relações com a realidade” (FLOCH, 1985:12, tradução nossa).

Fazer uma semiótica plástica, logo, é dividir e classificar os diferentes objetos visuais, visto que a “[...] semiótica quer ser uma teoria do sentido, ao mesmo tempo estrutural e gerativa” (FLOCH, 1985:12, tradução nossa). Entende-se como estrutural, porque “[...] o sentido nasce da apreensão das diferenças e que se trata, portanto, de construir os sistemas de relações que levam isso em conta [...]”; por seu lado, entende-se como gerativa “[...] no sentido de representar o sentido como resultado de um processo de produção, de complexidade crescente, representável em forma de estágios ou níveis mais ou menos profundos ou superficiais” (FLOCH, 1985:12, tradução nossa).

Somado a isso, Oliveira (2004:12) aponta que a concepção de plástico “[...] pode abranger o estudo do plano da expressão das manifestações visuais mais distintas, quer as artísticas, quer as midiáticas, quer as do mundo natural”. Nessa linha, a “[...] pintura, a publicidade, a ilustração, a escultura, a fotografia, a história em quadrinhos, um monumento arquitetônico, um produto de design, das multimídias, etc. tornaram-se objeto de estudo dos mais diversos domínios [...]”, tendo em vista que qualquer tipo de texto visual “[...] é construído por um arranjo específico de sua plástica, organizada por mecanismos estruturais particulares de seu sistema com as suas regras, resultando em uma dada sintagmatização das unidades mínimas” (OLIVEIRA, 1985:12).

A realização da semiótica plástica prevê, em sua sistematização, a relação entre expressão e conteúdo denominada de semissimbólica, a qual “[...] é arbitrária porque é fixada em determinado contexto, mas é motivada pela relação estabelecida entre os dois planos da linguagem” (PIETROFORTE, 2021a:8).

À guisa de contextualização, o plano do conteúdo apresenta a significação descrita pela semiótica estratificada no percurso gerativo do sentido, o qual evidencia a geração do sentido em nível semionarrativo, geral e abstrato, tendo a construção de sua especificação

conforme as instâncias de enunciação vão se concretizando através da figuratividade e da tematicidade alcançando o nível discursivo.

O objeto da semiótica é o signo e a significação, por sua vez a significação é decorrente da configuração da informação inserida em textos, documentos, objetos-suportes, que possam veicular signos cuja produção incide sobre a produção de signos que ampliam o pensamento, ou uma mente que possa aprender ou processar as informações que representam e medeiam a realidade. Especificando o plano do conteúdo, este se refere ao resultado da significação, à compreensão posterior à semiose, ou ainda, “[...] o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz” (PIETROFORTE, 2021a:11). Já o plano da expressão, refere-se à forma, aos signos de veículo, ou ainda “[...] à manifestação desse conteúdo em um sistema de significação verbal, não verbal ou sincrético” (PIETROFORTE, 2021a:11).

O percurso gerativo proposto por Greimas visa a uma teoria semiótica que pretende analisar a significação que se manifesta no plano do conteúdo. Assim sendo, é formada por três níveis:

- a) primeiro nível: estruturas fundamentais. É o nível mais abstrato e simples, “[...] os sentidos do texto são entendidos como uma categoria ou oposição semântica” (BARROS, 2007:187). Para tanto são determinadas relações sensoriais, as quais evidenciam conteúdos atraentes ou eufóricos e repulsivos ou disfóricos, os quais são negados ou afirmados por operações sintáticas, sendo representados e visualizados por relações lógico-semântica, denominado de quadrado semiótico (BARROS, 2007).
- b) segundo nível: estruturas narrativas: É o nível das transformações, “[...] a história de um sujeito em busca de valores [...]”; além disso, “[...] para que o sujeito tenha acesso aos valores, são eles inseridos nos objetos. Os objetos, com seus valores, circulam entre os objetos” (BARROS, 2007:191).
- c) terceiro nível: nível discursivo: É o nível da construção de isotopias, o enunciado é produzido por uma enunciação; sujeito e objetos são transformados em destinadores e destinatários. Ademais, “[...] graças a investimentos semânticos e de pessoa, os valores dos objetos vão ser disseminados como temas e transformados, sensorialmente, em figuras” (BARROS, 2007:193).

Por isso que Floch, ao explorar a semiótica plástica, destina o avanço no estudo da expressão direcionado à enunciação, ao ritmo e à narratividade, visto que há poeticidade nas construções semissimbólicas, ou seja, “[...] a relação entre uma forma de expressão e uma forma de conteúdo manifesta-se quando há uma relação entre os eixos paradigmáticos de cada uma delas, e quando eles são projetados no eixo sintagmático” (PIETROFORTE, 2021a:9).

Isso quer dizer que as manifestações da plasticidade estão vibrando no eixo paradigmático de tal maneira que reverbera no plano do conteúdo uma narratividade, carregada de semanticidade forte o suficiente para interferir nos planos discursivos contribuindo para os laços presentes na intertextualidade e interdiscursividade. Assim, “Quando se trata de objetos próprios dos sistemas semióticos plásticos, sempre que houver uma relação semissimbólica entre formas plásticas e formas semânticas, há efeito de poeticidade” (PIETROFORTE, 2021a:10). Fator este que indica que a significação é plurissignificativa, por isso é necessária uma estratificação de análise do sentido, para que a interpretação não

se perca em discussões heurísticas e herméticas incompreensíveis, infundadas ou insustentáveis.

Nas semióticas visuais, as relações entre objetos e signos são motivadas pela semelhança, assim é preciso analisar as relações de continuidade entre os signos, e os papéis semióticos que estes assumem na construção da unidade a ser observada, pois os tipos de signo (ícone, índice e símbolo) que não serão desdobrados neste trabalho, podem interferir na construção da informação a ser recuperada na relação expressão e conteúdo, ou melhor, no semissimbolismo.

Se algumas teorias possibilitam análises referenciais, em que haja a implicatura da experiência sobre o objeto e quanto dessa representação é retomada pelo signo, como a semiótica de viés peirceana, há outras que exploram os valores imanentes presentes no enunciado, como a semiótica de linha francesa. De todo modo, podem ser análises complementares, visto que os aspectos de imanência não precisam estar fundados ao verbalismo, mas sim naquilo em que a plasticidade propõe em sua manifestação sobre um suporte-objeto.

Assim, nas semióticas plásticas, as articulações das categorias plásticas manifestantes ocorrem de modo geral e abstrata, responsável pela geração do plano de expressão (PIETROFORTE, 2016). Dessa forma, são sistematizadas em cromáticas, relativas às cores; em eidéticas, relativas às silhuetas ou marcas das formas²; e em topológicas, relativas às disposições espaciais das cores e das formas (PIETROFORTE, 2016).

Em destaque, a distribuição topológica, em categorias plásticas, pode ser classificada em linear ou planar. A linear “é articulada em intercalante vs. intercalado”; já a planar articula-se em “circundante vs. circundado” (PIETROFORTE, 2021b:39). Por sua vez, “o circundante pode circundar o circundado total ou parcialmente: se circunda parcialmente, realiza-se como cercante vs. cercado; se circunda totalmente há duas possibilidades: marginal vs. central”, estando o circundado no centro do plano circundante, ou “englobante vs. englobado”, nesse caso o circundado não se encontra no centro do plano circundante (PIETROFORTE, 2021b:39). Para complementar, “[...] a distribuição linear também pode dar conta de colocações organizadas por categorias plásticas como superior vs. inferior e esquerda vs. direita” (PIETROFORTE, 2021b:39).

Com o reconhecimento dos aspectos plásticos, é possível estabelecer as tematizações a partir da figuratividade decorrente da análise da imagem sob as categorias plásticas, assim tem-se o programa narrativo, sob o qual recai a análise sobre as junções (conjunção e disjunção) do objeto e do sujeito.

Os objetos serão figurativizados por processos metalinguísticos de análise da substância oriunda da forma manifestante, ou seja, é proposto um programa de uso ou um programa de base, dos quais se estabelecem a tipologia de valorização. Pode-se entender que os programas de uso são manifestações corriqueiras, de ato singular, utilitário, enquanto os

² A Semiótica Plástica recorre ao termo formas para indicar formato, ou seja, volume, profundidade, altura, espessura, textura etc., ou seja, não deve ser compreendido nessa passagem como sinônimo de língua (*langue*).

programas de base são manifestações duradouras, vindouras, que se estabelecem, de caráter existencial (PIETROFORTE, 2021b). Nesse aspecto, Floch desenvolve quatro tipos de valorização, conforme mencionado por Pietroforte (2021b):

- a) valorização prática: são valores de uso; entendido como contrários (no quadrado semiótico) aos valores de base, assim ocorrem os valores utilitários, como o manuseio, o conforto, a potência, etc.;
- b) valorização utópica: são valores de base; entendido como contrários (no quadrado semiótico) aos valores de uso, dessa maneira surgem os valores existenciais, como a identidade, a vida, a aventura, etc.;
- c) valorização lúdica: é a negação dos valores utilitários; no quadrado semiótico, a valorização lúdica e a valorização prática são contraditórias. Desse modo, os valores lúdicos são o luxo, o refinamento, etc.;
- d) valorização crítica: é a negação dos valores existenciais; no quadrado semiótico a valorização crítica e a valorização existencial são contraditórias. Sendo assim, aos valores críticos se estabelecem as relações qualidade/preço e custo/benefício.

Assim, “[...] as categorias do plano da expressão são correlacionadas a categorias do plano do conteúdo, manifestando o que a semiótica chama de semissimbolismo” (PIETROFORTE, 2016:29). Importante destacar que os sistemas semissimbólicos são motivados textualmente, ou seja, o plano da expressão incide sobre o plano do conteúdo, ampliando sua significação. Dessa maneira, proporcionando uma rede de relação textual, uma coerência inerente às categorias semânticas verificadas nos textos analisados em sua completude e parcimônia, recuperando suas relações icônicas, indiciais, simbólicas com outros textos, bem como a investigação no nível de imanência do texto a fim de efetuar uma varredura sobre as formas manifestantes com o fito de garantir a isotopia.

Por fim, a análise recai sobre o discurso. Um texto visual possui a propriedade de se atualizar e se realizar em vários vetores significativos, por isso a significação é provável e nunca precisa, porque dependendo dos signos presentes na imagem, por sua vez as possibilidades de organização e reorganização das formas manifestantes nesses textos são incomensuráveis ao se relacionar com os interdiscursos potenciais, pois há uma análise que recai sobre o texto manifestado e a intencionalidade original, porém há a reconfiguração desse texto em uma releitura, em uma intertextualidade. Neste caso, o desdobramento semiótico do objeto representado e do contexto orquestrado a partir dessa construção não pode ser prescrito ou sistematizado *a priori*.

Contudo, é papel da Semiótica estratificar planos de análise desse texto plástico e estabilizar o sentido decorrente de um processo de significação. A semiose ampliará a compreensão das representações dos objetos e das interações entre os signos a fim de estabilizar os estágios de representação e compreensão, averiguando e confirmando as potencialidades discursivas.

Na atualidade, o texto plástico tem ocupado cada vez mais espaço principalmente devido à crescente de produtos midiáticos e às maneiras de proporcionar informações digitais. Assim sendo, analisar as formas, ou melhor, as expressões é uma tendência a proporcionar relações sincréticas entre diversos tipos de linguagem para, dessa maneira, ampliar as possibilidades manifestantes do conteúdo.

4. Semissimbolismo e representação da informação: uma análise de categorias

A informação se manifesta conforme há interação entre mentes que buscam compreender os elementos que transformam a realidade, ou melhor, a informação está presente na organização de signos, que manifestam um processo de construção de significação e sua correspondente interpretação, por isso o processo semiótico pressupõe uma interação e atualização cognitiva.

Sendo assim, a informação não é estática, ou dada pela presença lexical ou fraseológica, mas sim pela incidência de um signo sobre o outro, constituindo sintagmas, orações, enunciados e discursos, os quais podem ser evidenciados pela construção verbal ou não-verbal.

Toma-se, desse modo, a evidência de signos em enunciados plásticos-visuais com a manifestação em texto/documento, cujo propósito é classificar a informação presente para armazená-las e recuperá-las posteriormente.

No entanto, é válido destacar que o processo de elaboração de produtos informacionais transita em dois estágios diferentes da utilização da linguagem, por sua vez manifesta dois modos diferentes de tratar a significação: o primeiro, enquanto ocorre a análise dos discursos, os quais serão categorizados em temas, efetivados pela linguagem natural; o segundo, frente à indexação em sistemas informacionais, os quais serão evidenciados em terminologias especializadas, as quais promovem catálise e intertextualidade com os discursos presentes nos domínios evidenciados nos objetos informacionais.

Nesse cenário, a análise de discursos presentes em textos não-verbais é mais complexa, pois é preciso correlacionar todos os signos manifestantes; além disso, textos não-verbais exigem um processo de cognição do seu leitor, que este seja capaz de reconhecer a isotopia e apontar uma direção para a interpretação, ou seja, a manifestação do plano da expressão exige um desdobramento para o plano do conteúdo, não apenas sobre o que é manifestado, mas também sobre o que é manifestante, por isso os signos presentes no texto não-verbal assumem a função de ícone, ao fazer referência entre as qualidades da realidade e do texto, além de ser indicial, porque sua compreensão caminha para informações fora do texto.

Sob esse aspecto, a semiótica plástica propõe alguns recursos de análise que recaem sobre o plano da expressão que pode contribuir para a identificação de categorias a fim de evidenciar temas para proceder a representação da informação. Ademais, a semiótica plástica, através do semissimbolismo pode evidenciar os discursos presentes no documento e, assim, ordenar a escolha de terminologias adequadas para representar o documento em uma amplitude semiótica mais precisa.

A fim de demonstrar a aplicabilidade da semiótica plástica para promover a organização da informação e, posteriormente, a representação dessa informação, escolheu-se uma charge (conforme demonstrada na Fig. 1) publicadano Instagram @laertegenial, perfil autorizado pela cartunista brasileira Laerte Coutinho, em 19 de novembro de 2020.

Fig. 1 – *Meu mundo* - Laerte



Fonte: Coutinho (2020).

Nesse caso, para apontar os signos presentes na charge, é necessário pôr em destaque o fato de haver uma complexidade plástica, por isso a busca pela isotopia inicia-se na coerência entre a plasticidade da imagem e, somente assim, encontra-se na manifestação do conteúdo a partir do semissimbolismo. Desse modo, primeiramente aponta-se no plano da expressão as articulações das categorias plásticas manifestadas.

Com o propósito de descrever a imagem, tem-se uma divisão das imagens em quatro quadrados homogêneos, em que seus elementos são coloridos em gradações de azul, sendo esses elementos referência a seres microscópicos, enquanto no centro, envolvido em um círculo, há uma mulher, sentada em uma cadeira, com uma caneca na mão e ao seu lado, sobre a mesa, um bule. O ambiente é colorido em amarelo claro, enquanto os objetos também se apresentam em um tom azul claro.

Diante disso, pode-se apontar a aplicação das categorias da semiótica plástica para evidenciar os objetos da imagem. Em termos cromáticos, há a presença de três tons de azul, em que podem ser classificados como azul escuro, azul médio e azul claro, como também há um amarelo claro. Em termos eidéticos, as formas indicam seres microscópicos, com silhuetas mostrengas, possivelmente fazendo alusão a vírus e a bactérias ou a protozoários, além de haver esferas que possam ter a forma de átomos, moléculas, células ou planetas. Somado a isso, há também formas que indicam objetos pertencentes à vida humana, como a própria imagem de uma mulher, cuja silhueta é ícone da própria cartunista Laerte, de vestido e cardigan, cabelos compridos e óculos, sentada em uma cadeira de encosto dorsal, além de haver uma mesa em que se deposita um bule. Em termos topológicos, há quatro quadrantes divididos em dois na esquerda, dois na direita, com dois em cima, um de cada lado e dois embaixo na mesma disposição. Ao centro da imagem, intercorrendo os quadrantes, há um círculo. Com isso, pode-se apontar as seguintes categorias plásticas, indicadas no Quadro 4:

Quadro 4 – Categorias plásticas da análise

Categoria cromática	azul <i>vs.</i> amarelo
Categoria eidética	seres microscópicos <i>vs.</i> seres macroscópicos
Categoria topológica	central <i>vs.</i> marginal

Fonte: Elaborado pelos autores.

Na análise narrativa, adentrando à aspectualização para proceder com o semissimbolismo, há um contraste entre o mundo da personagem, denominado de “meu mundo”, a que a personagem apresenta estágio de conjunção e o mundo da tevê, mundo da miséria, mundo da política e outros mundos, dos quais evidencia-se o estágio de disjunção, sendo todos esses espaços denominados por linguagem verbal. À guisa de contextualização da produção da charge, é importante destacar que o mundo, ainda na data de publicação, enfrentava a pandemia da COVID-19, a qual teve início em março de 2020.

Sendo assim, referente ao nível discursivo, há duas possibilidades de análise:

- a) todos os espaços estão tratando do mesmo assunto – a Covid-19 – enquanto a personagem, em quarentena, mantém-se isolada do mundo, tanto se protegendo da contaminação pelo vírus, como da contaminação pelos discursos, assim ocorrendo a valorização prática;
- b) que os espaços veiculam informações tão catastróficas quando a contaminação da humanidade pelo vírus, porém a personagem avalia sua condição existencial frente a esse cenário, o que evidencia a valorização utópica.

Com isso, aplicando-se o semissimbolismo, podem-se efetuar as seguintes relações categóricas entre o plano da expressão e o plano do conteúdo, apontados no Quadro 5.

Quadro 5 – Relação semissimbólica da análise: cromática

Plano da expressão	azul <i>vs.</i> amarelo
Plano do conteúdo	identidade <i>vs.</i> alteridade

Fonte: Elaborado pelos autores.

Nesse aspecto categórico, reconhece-se que os elementos coloridos em azul são seres vivos, iguais a tantos outros da mesma espécie que representam a mesma situação, sejam vírus, bactérias, protozoários, ou imagens metafóricas conotando de modo indicial a podridão dos discursos produzidos nos ambientes mencionados nos textos verbais; por seu turno, a cor amarela evidencia a alteridade, pois indica o ambiente em que a normalidade, isto é, o comum entre os seres não se repete naquele espaço, ou seja, embora a personagem esteja em azul, indicando identidade com os outros seres humanos nas mesmas condições, o espaço demarcado em amarelo demonstra que ela está em uma condição diferente, no caso, protegida de toda a contaminação, seja pelo vírus, seja pelos discursos, já que se encontra em isolamento, por isso efetiva-se a valorização prática na narratividade.

Quadro 6– Relação semissimbólica da análise: eidética

Plano da expressão	seres microscópicos <i>vs.</i> seres macroscópicos
Plano do conteúdo	morte <i>vs.</i> vida

Fonte: Elaborado pelos autores.

Nesse outro aspecto categórico, é importante entender que os seres ilustrados são ícones da intenção discursiva, pois tanto seres microscópicos, como macroscópicos são seres vivos no plano real, no entanto os seres microscópicos, nesse contexto, representam a morte aos seres macroscópicos. Nessa perspectiva, enquanto os seres microscópicos manifestam a ameaça, o risco e a contaminação tanto do vírus como dos discursos, os quais representam a morte, os seres macroscópicos, a mulher, a cadeira, a caneca, a mesa e o bule representam a vida. Mesmo que nesse grupo somente a mulher tenha, de fato, vida, os outros objetos estão inter-relacionados à proteção que o ambiente gera à sua vida, lembrando que, no processo semiótico que configura o semiossimbolismo, todos os signos atuam em parcimônia para gerar a significação.

Quadro 7– Relação semissimbólica da análise: topológica

Plano da expressão	central <i>vs.</i> marginal
Plano do conteúdo	intrapessoal <i>vs.</i> interpessoal

Fonte: Elaborado pelos autores.

Por fim, neste último aspecto categórico, vale destacar que o círculo acaba criando o efeito de redoma, enquanto há outros mundos, outros discursos alhures. Neste caso, a significação presente no espaço central, ilhado, demonstra profundidade existencial, a conexão consigo, a paz interior, por isso se efetiva a valorização utópica; por outro lado, os quadrantes dispostos nos lados do quadrado representam o alheamento, a descontinuidade social.

A partir dos resultados interpretativos decorrentes do semiossimbolismo, é possível apontar alguns conceitos importantes como contaminação, isolamento, ameaça, proteção, profundidade existencial, conexão interna, paz interior, alheamento, descontinuidade social, sendo estes constituídos a partir da plasticidade apresentada pelo texto não verbal. Desse modo, há uma estratificação de planos de análise que fundamentam a escolha dos conceitos em linguagem natural que podem ser padronizados, para efetivar a representação da informação, na linguagem do sistema de informação, a partir de vocabulários controlados.

Fujita e Rubi (2020:245) ao discutirem técnicas de leitura, explicam que ao estabelecer um modelo de leitura documental torna-se possível combinar “[...] estratégias de exploração de estruturas textuais e de abordagem sistemática para identificação de conceitos, partindo da pressuposta dificuldade do leitor frente à complexa tarefa de análise, identificação e seleção de assunto de documentos”. Para as autoras supracitadas, definir um modelo sistematizado de leitura documental é importante, pois viabiliza a compreensão do conteúdo do documento e direciona a análise de assunto para que o indexador, conseqüentemente, identifique e selecione os conceitos relevantes à recuperação da informação.

Assim, a leitura documental, fase inicial do processo de representação da informação, pode ser direcionada a partir da semiótica plástica, evidenciando não apenas características conotativas/denotativas do documento analisado. Como componente da semiótica planar, isto é, uma semiótica que analisa características de um significante bidimensional por meio de categorias específicas determinadas no plano da expressão (GREIMAS e COURTÉS, 2016), a semiótica plástica direciona a leitura documental para análise da mensagem construída por signos icônicos, indiciais e simbólicos produzidos em determinada cultura que refletem nos efeitos de sentido que permeiam o documento a ser representado.

Como evidenciado por Manini (2002), as técnicas e métodos discutidos na literatura científica de representação de imagens da área geralmente preocupam-se apenas com a recuperação da informação baseada no conteúdo, entretanto existe uma necessidade de se considerar a recuperação da informação a partir de aspectos que podem ser evidenciados pela forma documental, já que as escolhas que o criador do documento visual realiza ao construir o plano da expressão evidenciam como a mensagem a ser transmitida veicula suas informações e significados.

5. Considerações finais

Conforme discutido anteriormente, algumas pesquisas (LACERDA, 1993; MANINI, 2002; PAVARINA, 2021) já destacavam a necessidade de um olhar acurado para a forma documental para compreender a caracterização e os processos utilizados na concepção dos documentos visuais, já que é a partir do plano da expressão que o conteúdo é manifestado e apresentado. Assim, a análise do plano da expressão pode ser apresentada como atributo das operações descritivas (SMIT, 1996), das operações temáticas (MANINI, 2002) ou de ambas (LACERDA, 1993), já que seus elementos constituintes apresentam características úteis a ambos os processos, que se integram no desenvolvimento de produtos, como registro bibliográfico.

O processo de leitura e análise documental é extremamente complexo, já que requer estratégias metacognitivas do profissional da informação, conhecimento sobre as tipologias e estruturas dos documentos e domínio dos processos e instrumentos de representação a serem utilizados, de acordo com a instituição e seu sistema de recuperação da informação.

Esse processo torna-se mais complexo ainda quando se trata da representação de documentos sincréticos, isto é, documentos compostos por múltiplos modos semióticos que integram duas ou mais linguagens em sua composição, como no caso dos diversos gêneros de histórias em quadrinhos, por demandar uma transposição do sistema de signos visuais para os sistemas de signos verbais (tradução sincrética).

O que difere uma pesquisa de representação da informação baseada na semiótica plástica de outras pesquisas desenvolvidas a partir do percurso gerativo de sentido é que quando se trata da representação de documentos complexos e/ou sincréticos, compostos pela linguagem não verbal e/ou uma junção da linguagem verbal e não-verbal, as análises centradas no processo de semiose baseadas na figuratização e na tematização, no nível discursivo, ou nos produtos gerados pelo esquema narrativo canônico subjacente ao discurso, não dão conta dos processos de representação quando o significado está ausente no nível figurativo e os efeitos de sentido são produzidos apenas pela dimensão sensorial da expressão, independente dos significados figurativos ou prefigurativos, já que os

elementos de plasticidades são definidos por dimensões, não por uma relação hierárquica, determinada por níveis (como no caso do percurso gerativo de sentido). Numa análise a partir da semiótica plástica, os efeitos de sentido que permeiam o documento são evidenciados a partir das dimensões (topológica, cromática e eidética) definidas pelas oposições de determinadas qualidades plásticas.

Face ao exposto, conclui-se que como o documento possui em sua gênese um continente e um conteúdo, subdivididos ambos em forma e fundo (GARCÍA GUTIÉRREZ, 1984; ORTEGA, 2010), as estratégias para sua análise e representação devem estar alinhadas às características da sua expressão e de seu conteúdo. Assim, torna-se oportuno lançar discussões sobre a semiótica plástica para embasar a análise da forma do plano da expressão de documentos sincréticos, para reconhecer os princípios, informações e limites da natureza plástica ou rítmica que validam a articulação dos traços elementares e distintivos ou das figuras complexas evidenciadas nos documentos. A partir da semiótica plástica e do semissimbolismo torna-se possível criar um modelo que identifique características objetivas e subjetivas do documento representado, fundamentado nos aspectos da realidade contextual no qual o objeto fora produzido e inserido para enriquecer sua representação e garantir o processo de significação.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, C. C.

2020 *Semiótica documental: aspectos contextuais, teóricos e interdisciplinares*. Marília: Oficina Universitária, 2020.

ALMEIDA, C. C.

2009 *Peirce e a organização da informação: contribuições teóricas da semiótica e do pragmatismo*. [Em linha]. 2009. [Consult. 18 jul. 2022]. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/103380>.

Tese de Doutorado em Ciência da Informação – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Filosofia e Ciências.

ALMEIDA, C. C.; FARIAS, M. C. Q. S.

2016 Análise das teorias semióticas na Ciência da Informação brasileira: referentes teóricos. *Scire* [Em linha]. 22:2 (jul. 2016) 57-66. [Consult. 18 jul. 2022]. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/343920619Analise_das_teorias_semioticas_na_ciencia_da_informacao_brasileira_referentes_teoricos

BARBALHO, C. R. S.

2006 Apresentação da editora deste número. *Encontros Bibli*. [Em linha]. Especial (2006) 1-2. [Consult. 19 jul. 2022]. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/468/475>.

BARDIN, L.

1977 *Análise de conteúdo*. Lisboa: Editora Edições 70, 1977.

BARROS, D. L. P.

2007 Estudos do discurso. In *Introdução à linguística II: princípios de análise*. Org. Fiorin. 4^a. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

BLÉRY, G.

1981 La Mémoire photographique. *Inter Photothèque*. 41 (1981) 9-33.

BOCCATO, V. R. C.; FUJITA, M. S. L.

2006 Discutindo a análise documental de fotografias: uma síntese bibliográfica. *Cadernos BAD*. [Em linha]. 2 (2006) 84-100. [Consult. 25 jul. 2022]. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/98423>.

BRASCHER, M.; CAFÉ, L.

2008 Organização da Informação ou Organização do Conhecimento? In ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9^o, São Paulo, 2008 - - *Anais...* [Em linha]. São Paulo: USP, 2008. [Consult. 19 jul. 2022]. Disponível em: <http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/ixenancib/paper/viewFile/3016/2142>.

COUTINHO, L.

2020 [Sem título]. Charge. [Em linha]. 2020. [Consult. 10 ago. 2022]. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CHxnFqrMZ9z/?igshid=MDJmNzVkMjY%3D>.

FLOCH, J. M.

1985 *Petites mythologies de l'oeil et de l'esprit: pour une sémiotique plastique*. Amsterdam: Hadés-Benjamins, 1985.

FUJITA, M. S. L.; RUBI, M. P.

2020 Processo de leitura para análise documental: proposição metodológica. In *Modelos de leitura documentária para indexação: abordagens teóricas interdisciplinares e aplicações em diferentes tipos de documentos*. Org. M. S. L. Fujita, R. C. V. Alves, C. C. Almeida. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020, p. 243-270.

GARCÍA GUTIÉRREZ, A.

1988 Connotaciones lingüísticas para una teoría de la documentación. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*. [Em linha]. 21:1/2 (1988) 9-20. [Consult. 19 jul. 2022]. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/388/362>.

GARCÍA GUTIÉRREZ, A. L.

1984 *Lingüística documental: aplicación a la documentación de la comunicación social*. Barcelona: Mitre, 1984.

GARRIDO ARILLA, M. R.

2006 Fundamentos del análisis documental. In *Manual de ciencias de la documentación*. Coord. José López Yepes. 2^a ed. Madrid: Ediciones Pirámide, 2006, p. 337-357.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J.

2016 *Dicionário de Semiótica*. 2^a ed. São Paulo: Contexto, 2016.

KLINKENBERG, J-M.

2000 *Precis de shmiotique generale*. Paris: Seuil, 2000.

KOBASHI, N. Y.

1996 Análise documentária e representação da informação. *Informare: Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação*. [Em linha]. 2:2 (1996). [Consult. 26 jul. 2022]. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4235088/mod_resource/content/1/Artigo%20Kobashi%202.pdf.

LACERDA, A. L.

1993 Os Sentidos da imagem: fotografias em arquivos pessoais. *Acervo*. 6:1/2 (jan.-dez.1993) 41-54.

LARA, M. L. G.

1993 Algumas contribuições da semiologia e da semiótica para a análise das linguagens documentárias. *Ciência da Informação*. [Em linha]. 22:3 (1993) 223-226. [Consult. 20 jul. 2022]. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/480>.

LÓPEZ YEPES, J.

1978 *Nuevos estudios de documentación: el proceso documental en las ciencias de la comunicación social*. Madrid: Instituto Nacional de la Publicidad, 1978.

MAIMONE, G. D.; TÁLAMO, M. de. F. G. M.

2008 Tratamento informacional de imagens artístico-pictóricas no contexto da Ciência da Informação. *DataGramaZero*. [Em linha]. 9:2 (2008). [Consult. 25 jul. 2022]. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/45066>.

MANINI, M. P.

2020 *Análise documentária de fotografias: um referencial de leitura de imagens fotográficas para fins documentários*. [Em linha]. 2002. [Consult. 25 jul. 2022]. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27143/tde-23032007-111516/publico/Tese.pdf>.
Tese de Doutorado em Ciências da Comunicação – Universidade de São Paulo, Escola de Comunicações e Artes.

OLIVEIRA, A. C.

2004 *Semiótica Plástica*. São Paulo: Hacker Editores, 2004.

ORTEGA, C. D.; LARA, M. L. L. G.

2010 A Noção de estrutura e os registros de informação dos sistemas documentários. *Transinformação*. [Em linha]. 22:1 (2010) 07-17. [Consult. 25 jul. 2022]. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/116176>.

O’SULLIVAN, T. [et al.]

1994 *Key concepts in communication and cultural studies*. 2nd ed. London; New York: Routledge, 1994.

PANOFSKY, E.

1955 *Meaning in the visual arts*. New York: Doubleday, 1955.

PATO, P. R. G.

2014 Ícone, índice e símbolo, fundamentos para ler e organizar a informação em imagens. In ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 15^o, Belo Horizonte, 2014 - *Anais...* [Em linha]. Belo Horizonte: UFMG, 2014. [Consult. 25 jul. 2022]. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/185898>.

PATO, P. R. G.; MANINI, M. P.

2013 Polissemia da imagem, indexação e recuperação da informação. In ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 14^o, Florianópolis, 2013 - *Anais...* [Em linha]. Florianópolis: ANCIB, 2013. [Consult. 25 jul. 2022]. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/185143>.

PAVARINA, E. C.

2022 O Percurso gerativo de sentido aplicado à indexação de tira. *Informação em pauta*. [Em linha]. 7 (2022) 1-23. [Consult. 25 jul. 2022]. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/78090>.

PAVARINA, E. C.

2021 *Contribuição dos estudos semióticos para a catalogação de histórias em quadrinhos*. [Em linha]. 2021. [Consult. 19 jul. 2022]. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/14287>.
Dissertação de Mestrado em Ciência da Informação –Universidade Federal de São Carlos.

PIERCE, C. S.

2017 *Semiótica*. Trad. José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2017.

PIETROFORTE, A. V.

2021a *Análise do texto visual: a construção da imagem*. 2^a ed. São Paulo: Contexto, 2021.

PIETROFORTE, A. V.

2021b *Semiótica visual: os percursos do olhar*. 3^a ed. São Paulo: Contexto, 2021.

PIETROFORTE, A. V.

2016 *A Significação na fotografia*. São Paulo: Annablume, 2016.

PINTO MOLINA, M.

1991 *Análisis documental: fundamentos y procedimientos*. Madrid: EUDEMA, 1991.

REIS, D. M. A. [et al.]

2018 Tratamento descritivo e temático da informação: recomendações para estudos sobre aspectos semióticos na criação de registros bibliográficos. *Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação*. [Em linha]. 11:1 (2018) 42-58. [Consult. 18 jul. 2022]. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/8428>.

SANTAELLA, L.

2007a *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007.

SANTAELLA, L.

2007b *O Que é semiótica?* São Paulo: Brasiliense, 2007.

SHATFORD, S.

1986 Analyzing the subject of a picture: a theoretical approach. *Cataloging and Classification Quarterly*. [Em linha]. 6:3 (1986) 39-62. [Consul. 25 jul. 2022]. Disponível em: https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1300/J104v06n03_04#.VzoyhpErLIU.

SMIT, J. W.

1996 A Representação da imagem. *Informare: Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação*. [Em linha]. 2:2 (1996). [Consul. 25 jul. 2022]. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/40989>.

TEIXEIRA, L.

2004 Entre dispersão e acúmulo: para uma metodologia de análise de textos sincréticos. *Gragoatá*. [Em linha]. 16 (2004) 229-242. [Consult 18 out. 2022]. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33349/19336>.

TONELLO, I. M. S.; LUNARDELLI, R. S. A.; ALMEIDA JÚNIOR, O. F.

2012 Palavras-chave: possibilidades de mediação da informação. *Ponto de Acesso*. [Em linha]. 6:2 (2012) 21-34. [Consul. 25 jul. 2022]. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/81294>.

Etefgania Pavarina | e.pavarina@unesp.br

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Brasil

Alexandre Robson Martines | alexandre.martines@unesp.br

Universidade Estadual Paulista, Brasil